COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

Introdução a Camões IV - relance final

David Mourão-Ferreira

Para citar este documento / To cite this document:

David Mourão-Ferreira, "Introdução a Camões IV - relance final", *Colóquio/Letras*, n.º 168/169, Jul. 2004, p. 101-107.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

89

INTRODUÇÃO A CAMÕES

IV – Relance Final

OS pedidos formulados por inúmeros telespectadores no sentido de apresentarmos mais textos de Camões — obrigam-nos a consagrar-lhe esta quarta emissão. Não me parece aliás que seja de mais. Quatro foram também as emissões que consagrámos a Dante; e a importância de Camões em relação à poesia portuguesa não só corresponde inteiramente à importância de Dante em relação à poesia italiana — como também, em valor absoluto, uma e outra praticamente se equivalem no conspecto da poesia europeia.

Poderá porventura objectar-se que *Os Lusíadas* estão longe de apresentar a «universalidade» que caracteriza *A Divina Comédia*; mas poderá imediatamente responder-se que a obra lírica de Camões, em contrapartida, se mostra incomparavelmente mais variada, mais densa e até *mais* «universal» (o *mais*, aqui, é evidentemente retórico...) que a obra lírica de Dante. Por outro lado, quanto ao possível confronto entre a «universalidade» de *Os Lusíadas* e de *A Divina Comédia*, importa desde já observar que o conceito de «universal» — como no fim de contas quase todos os conceitos — depende, em muito larga parte, da coloração que cada época lhe dá e varia mesmo, sensivelmente, de época para época.

A escolha de um tema «nacional», no século XIV — e sobretudo na Itália do século XIV —, seria sem dúvida aberrante e não teria sequer perspectivas de «universalidade»; mas, na Europa do século XVI, que é já, muito mais do que dois séculos antes, a Europa das nacionalidades, a escolha de um tema «nacional» e desenvolvido, para mais, com o espírito «universalista» que Camões lhe conferiu — é já uma coisa muitíssimo diferente... Aliás, no poema de Dante, a despeito do que há de «universal» no seu conjunto e no seu plano, os pormenores «particularistas» — e até muito mais «regionais» do que «nacionais» — encontram-se em muito maior número do que no poema de Camões. Dante percorre o Inferno, o Purgatório, o Paraíso — mas nunca consegue sacudir por completo, dos seus membros e da própria cabeça, a poeira das ruas de Florença... O Gama, em contrapartida, vai *apenas* à Índia; mas não se lhe encontra, em nenhum dos seus actos, a poeira da terra onde nasceu — e, sob este aspecto, é muito mais «universal» que o autor-protagonista de *A Divina Comédia*. O Gama, até no momento em que chega à Índia, apenas tem pensamentos de carácter geral; e as graças que nesse momento formula, bem como as considerações de ordem crítica de que também as

acompanha, transcendem o plano de quaisquer particularismos. É no final do Canto VI que este passo se encontra; e bem merece ser aqui recordado, até pela defesa que ele encerra de uma aristocracia do mérito, não do sangue, e pelos salutares conselhos que igualmente contém, no que respeita à valorização do esforço, da coragem, da sobriedade (e até da frugalidade), do desinteresse, da modéstia — da «verticalidade» em suma:

As graças a Deus dava, e razão tinha,
Que não somente a terra lhe mostrava
Que, com tanto temor, buscando vinha,
Por quem tanto trabalho exprimentava,
Mas via-se livrado, tão asinha,
Da morte, que no mar aparelhava
O vento duro, férvido e medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.

Por meio destes hórridos perigos,
Destes trabalhos graves e temores,
Alcançam os que são de fama amigos
As honras imortais e graus maiores:
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores;
Não nos leitos dourados, entre os finos
Animais de Moscóvia zibelinos;

Não cos manjares novos e exquisitos,
Não cos passeios moles e ociosos,
Não cos vários deleites e infinitos
Que afeminam os peitos generosos,
Não cos nunca vencidos apetitos,
Que a Fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não sofre a nenhum que o passo mude
Pera algũa obra heróica de virtude;

Mas com buscar, co seu forçoso braço,
As honras que ele chame próprias suas;
Vigiando e vestindo o forjado aço,
Sofrendo tempestades e ondas cruas,
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, e regiões de abrigo nuas;
Engolindo o corrupto mantimento
Temperado com um árduo sofrimento;

E com forçar o rosto, que se enfia,
A parecer seguro, ledo, inteiro,
Pera o pelouro ardente que assovia
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Destarte o peito um calo honroso cria,
Desprezador das honras e dinheiro,
Das honras e dinheiro que a ventura
Forjou, e não virtude justa e dura.

Mas agora reparo: com o zelo e com o empenho de sublinhar a «universalidade» de *Os Lusíadas*, apressei-me a apresentar um trecho que não está no número daqueles que me foram solicitados. Devo aliás esclarecer que a maior parte dos pedidos a esse respeito se referem principalmente à obra lírica... Alguns deles focavam mesmo concretamente o seguinte ponto: a circunstância de apenas aqui termos apresentado, quanto a redondilhas, as de «Babel e Sião»... Aqui vão outras, pois, de um teor muito diferente, para satisfazer as solicitações recebidas nesse sentido:

Foi-se gastando a esperança,
fui entendendo os enganos;
do mal ficaram meus danos
e do bem só a lembrança.

Nunca em prazeres passados
tive firmeza segura,
antes tão arrebatados,
que inda não eram chegados
quando mos levou ventura.
E, como quem desconfia
ter em tal sorte mudança,
no meio desta porfia,
de quanto bem pretendia
foi-se gastando a esperança.

Não tive por desatino
a ocasião de perdê-la;
mas foi culpa do destino,
que a ninguém, como mais dino,
Amor pudera sustê-la.
Dei-lhe tudo o que era seu,
não receando tais danos
deste, a quem alma lhe deu;
quando já não era meu,
fui entendendo os enganos.

Fiquei, deste mal sobejo
a quem a causa compete,
dizer-lhe tudo o que vejo,
que Amor aceita o desejo,
mas mente no que promete.
Que, se a mim se me obrigou
a dar-me bens soberanos,
foi engano que ordenou,
que do bem tudo levou,
do mal ficaram meus danos.

E se de dor tão desigual
sofro em mim com padecê-los,
quero de novo sofrê-los;
que, por a causa ser tal,
não determino ofendê-los.
Dobre-se o mal, falte a vida,
creça a fé, falte a esperança,
pois foi mal agradecida;
fique a dor n'alma imprimida,
e do bem só a lembrança.

Mas não foi só de mais redondilhas de Camões que muitos telespectadores se mostraram sequiosos. Foi também de mais sonetos e foi ainda, num caso concreto, de uma canção — a Canção X —, cuja extensão nos impede infelizmente de aqui a apresentarmos na íntegra. Trata-se, com efeito, de um texto capital — e de valor central — na obra lírica de Camões. A sua quase total ausência de metáforas, a larga ondulação dos seus versos amargos e seguros, a nobilíssima expressão de um exame de consciência tão exemplarmente convertido em ritmo — são, entre outras, características que fazem desta canção um dos mais importantes testemunhos do génio camoniano. Terei de limitar-me, no entanto, a recordar aqui apenas as duas estrofes iniciais:

Vinde cá, meu tão certo secretário
dos queixumes que sempre ando fazendo,
papel, com que a pena desafogo!
As sem-razões digamos que, vivendo,
me faz o inexorável e contrário
destino, surdo a lágrimas e a rogo.
Deitemos água pouca em muito fogo;
acenda-se com gritos um tormento
que a todas as memórias seja estranho.

Digamos mal tamanho
a Deus, ao mundo, à gente e, enfim, ao vento,
a quem já muitas vezes o contei,
tanto debalde como o conto agora;
mas, já que para errores fui nascido,
vir este a ser um deles não duvido.
Que, pois já de acertar estou tão fora,
não me culpem também, se nisto errei.
Siquer este refúgio só terei:
falar e errar sem culpa, livremente.
Triste quem de tão pouco está contente!

Já me desenganei que de queixar-me
não se alcança remédio; mas quem pena,
forçado lhe é gritar, se a dor é grande.
Gritarei; mas é débil e pequena
a voz para poder desabafar-me,
porque nem com gritar a dor se abrande.
Quem me dará sequer que fora mande
lágrimas e suspiros infinitos
iguais ao mal que dentro n'alma mora?
Mas quem pode algũ'hora
medir o mal com lágrimas ou gritos?
Enfim, direi aquilo que me ensinam
a ira, a mágoa, e delas a lembrança,
que é outra dor por si, mais dura e firme.
Chegai, desesperados, para ouvir-me,
e fujam os que vivem de esperança
ou aqueles que nela se imaginam,
porque Amor e Fortuna determinam
de lhe darem poder para entenderem,
à medida dos males que tiverem.

E restam finalmente os sonetos para fazermos a vontade a alguns outros telespectadores. Esta preferência manifestada pelos sonetos camonianos tem aliás, segundo penso, várias razões de ser. Em primeiro lugar, o soneto — que Antero de Quental, outro grande sonetista, viria a considerar «a forma lírica por excelência» — constitui, na opinião do mesmo poeta, «uma unidade perfeita» e «nela têm vindo todos os grandes poetas vazar o que tinham de mais puro na alma»: nada mais natural, por conseguinte, que o soneto continue a ser altamente prezado. Em segundo lugar, Camões foi o primeiro poeta português, na ordem

cronológica, a elevar o soneto a um nível de perfeição que as «experiências» dos seus mais próximos antecessores não faziam prever tão cedo: nada mais natural, por conseguinte, que continuem a ter os mais fervorosos admiradores. E é sobretudo para eles que se apresenta agora — e até certo ponto como síntese de alguns dos aspectos versados na Canção X — o seguinte soneto:

Com grandes esperanças já cantei,
com que os deuses no Olimpo conquistara;
despois vim a chorar porque cantara
e agora choro já porque chorei.

Se cuido nas passadas que já dei,
custa-me esta lembrança só tão cara
que a dor de ver as mágoas que passara
tenho pola mor mágoa que passei.

Pois logo, se está claro que um tormento
dá causa que outro n'alma se acrescente,
já nunca posso ter contentamento.

Mas esta fantasia se me mente?
Oh! ocioso e cego pensamento!
Ainda eu imagino em ser contente?

Pela minha parte, não ficaria eu contente com a minha consciência se, a rematar, não apresentássemos ainda outro soneto camoniano — justamente aquele a respeito do qual recebemos maior número de pedidos. Será por se tratar de um dos seus sonetos mais divulgados? Ou será antes porque o seu tema — uma definição do Amor — interessa cada vez mais gente? É certo que o Amor nunca esteve tanto, como hoje, na ordem do dia; mas também é certo que nunca, como hoje, tão poucas pessoas — que o sentem ou julgam senti-lo — se mostram capazes de o definir. Talvez Camões, também a este respeito, ainda possa ser hoje de alguma utilidade...

Amor é um fogo que arde sem se ver,
é ferida que doi e não se sente;
é um contentamento descontente;
é dor que desatina sem doer;

É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder;

É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?